

Fazendo Arquitetura, Pensando Arquitetura: Novas Perspectivas na Teoria do Projeto

Making Architecture, Thinking Architecture: New Perspectives in Design Theory

Haciendo Arquitectura, Pensando Arquitectura: Nuevas Perspectivas en la Teoría del Proyecto

*Rogério de Castro Oliveira. Arquiteto. Dr.ed. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Ritter dos Reis; docente colaborador do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, Brasil.
rogerio_castro@uniritter.edu.br; rco@ufrgs.br.*

Resumo

Este artigo propõe um programa de investigação voltado para o estudo de como se organizam os saberes arquitetônicos na prática projetual contemporânea. A delimitação deste campo disciplinar aceita uma noção de contemporaneidade ancorada não em objetos, mas na atualidade e simultaneidade das ações que o arquiteto exerce sobre os objetos que constituem o universo da arquitetura. Nesse contexto, a indagação epistemológica não se opõe às abordagens metodológicas do projetar, mas as relativizam, problematizando eventuais pretensões normativas universais. O estatuto epistêmico do projeto de arquitetura se apresenta, neste sentido, aberto a possibilidades de realização que assumem um caráter local, isto é, implicam o reconhecimento de um campo restrito de critérios de aplicabilidade. Para esboçar uma matriz disciplinar, estendida entre um campo de "configurações" e "projetos", são propostas categorias constitutivas do campo discursivo nela implicado, distribuídas em três domínios: dos objetos, dos saberes e das práticas. Esta categorização se abre à discussão crítica sobre a especificidade epistêmica do pensamento arquitetônico.

Palavras Chave: arquitetura, teoria do projeto, epistemologia.

Abstract

This paper proposes a research programme aiming an inquiry of how architectural knowledge is organized in a contemporary design practice. This delimitation of such disciplinary field accepts a notion of contemporaneity unattached to objects, but to the actuality and simultaneity of the architect's actions upon the objects that constitute the universe of architecture. Beneath this context, the epistemological quest does not preclude methodological approaches to designing, but relativizes them by questioning any normative claims. The epistemic status of the architectural project is presented, in this sense, as open to possibilities of achievements assuming a local character, i.e., implies recognizing a limited field of applicability criteria. In order to outline a disciplinary matrix extended between "configurations" and "projects", constitutive categories implied in its discursive field are proposed and distributed in three domains: those of objects, of knowledge, and of practice. Although hypothetical, this categorization is open to a critical discussion about the epistemic specificity of architectural thought.

Keywords: architecture, design theory, epistemology

Resumen

Este artículo propone un programa de investigación dedicado al estudio de cómo se organizan los saberes arquitectónicos en la práctica proyectual contemporánea. La delimitación de ese campo disciplinar reconoce una noción de contemporaneidad anclada no en objetos, sino en la actualidad y simultaneidad de las acciones que el arquitecto ejerce sobre los objetos que constituyen el universo de la arquitectura. En ese contexto, la acepción epistemológica no se opone a las aproximaciones metodológicas del proyectar, pero las relativiza, problematizando eventuales pretensiones normativas universales. El estatuto epistémico del proyecto de arquitectura se presenta, en ese sentido, abierto a posibilidades de realización que asumen un carácter local, es decir, implican el reconocimiento de un campo restringido de criterios de aplicabilidad. Para delinear una matriz disciplinar extendida, entre un campo de "configuraciones" y otro de "proyectos", son propuestas categorías constitutivas del campo discursivo en ella implicado, distribuidos en tres dominios: de los objetos, de los saberes y de las prácticas. Aunque hipotética, esta categorización se abre a la discusión crítica de la especificidad epistémica del pensamiento arquitectónico.

Palabras Clave: arquitectura, teoría del diseño, epistemología

INTRODUÇÃO

"Pensar arquitetonicamente", hoje, implica repensar a complexidade do fazer arquitetônico a partir de panoramas epistêmicos que descortinam novas possibilidades de interagir com uma prática cotidiana da arquitetura na qual, com frequência, não mais reconhecemos muitos dos atributos do que até agora se entendia como "boa arquitetura". Embora, quer por mimetismo, quer por contraste, ainda nos situemos tacitamente em um universo de realizações que ostentam – quase sempre – as marcas do Movimento Moderno, também colocamos em questão a atualidade dessas referências diante da espessura histórica que as afasta de nós.

Não podemos ignorar o paradoxo de obras das quais nos aproximamos tendo como pano de fundo uma datação por vezes quase centenária, como é o caso do Pavilhão de Barcelona, mas com o agudo sentido de que, na sua materialidade, o distanciamento temporal convive com uma aguda percepção de sua "contemporaneidade". Se o moderno ganha permanência no passado, instalando-se em cronologias que buscam ordenar na narrativa histórica uma sucessão de acontecimentos, o contemporâneo parece situar-se fora do calendário. Seria a noção de contemporaneidade, então, análoga à de atemporalidade? Esta tentadora simplificação não responderia, contudo, ao reconhecimento de que a contemporaneidade remete a uma confluência de tempos, a uma simultaneidade de momentos enfeixados no desenrolar de uma ação da qual falamos no presente do indicativo. Para falarmos do Pavilhão de Barcelona, outros tempos verbais também são possíveis. Há os que narram ações que levaram, no passado, à sua construção, demolição e posterior reconstrução, assim como há os que procuram dar conta da projeção futura de suas qualidades na concepção arquitetônica de projetos ainda por fazer. Este argumento aproxima-se de uma definição de contemporaneidade situada na vertente explorada por Paul Ricoeur, na qual o campo histórico se estende sobre a "*trama dos contemporâneos, dos predecessores e dos sucessores*" (RICOEUR, 1997, p.187). No "*reino dos contemporâneos, o fenômeno originário é o do desenvolvimento simultâneo de vários fluxos temporais*" (ibidem, p. 191). Para tanto, é preciso "reefetuar o passado no presente" (ibidem, p. 244) ou, ainda, "presentificar" o passado através da reconfiguração do contexto de ação original.

Evocando mais uma vez a presença do Pavilhão projetado para um momento específico, o da Exposição Universal de Barcelona, trata-se agora da "mesma" obra (embora não seja, materialmente, a mesma, mas uma magnífica e fidedigna cópia), desdobrada simultaneamente em monumento que evoca o evento original, e em documento que atualiza o legado projetual de Mies Van der Rohe. Neste duplo sentido, o Pavilhão recusa qualquer atribuição de contemporaneidade: ele é nosso predecessor, pertence à história do Movimento Moderno. O mesmo edifício, contudo, instala-se simultaneamente em um tempo presente, definidor de sua contemporaneidade como marco identificador da cidade, referência turística de primeira ordem, local de reverente peregrinação para arquitetos e estudantes, e assim por diante. A contemporaneidade, portando, não está no objeto, mas nos

múltiplos usos que dele fazemos, como quando o incluímos no âmbito de um repertório arquitetônico ativo, onde interpretações próximas ou distantes da concepção original da obra propõem a sua metamorfose em outras realizações. Neste contexto, as manipulações do Pavilhão como referência arquitetônica, sua "reprojetação", por assim dizer, compartilham com as operações do novo projeto uma mesma contemporaneidade, que pode se desfazer quando essas sequências de ações não coincidam no tempo.

As práticas se organizam em torno de um núcleo de ações coordenadas entre si, voltadas para finalidades que as caracterizam e as diferenciam umas das outras. Como campo de ação, porém, cada prática se efetiva na relação com outras práticas, amalgamadas no âmbito de uma contemporaneidade compartilhada e mutuamente reconhecível. O mesmo pode ser dito sobre o campo de aplicabilidade das teorias do projeto. Indissociável das práticas, a reflexão teórica é sempre contemporânea de uma produção, no interior da qual vamos construir seus postulados. Uma teoria não se esconde no passado, nem se refugia, fora de nosso alcance, em um futuro puramente especulativo: os vínculos operativos entre teoria e prática são sempre contemporâneos, se conjugam no mesmo tempo.

O deslocamento da historicidade para a contemporaneidade não se dá, porém, sem desvios de significado. Este fenômeno perturbador atinge, hoje, a própria palavra *arquitetura*, que passa a designar saberes e práticas onde não mais reconhecemos vínculos com a obra de arquitetura, a não ser com vago sentido metafórico. A busca em uma base de artigos científicos, por exemplo, nos coloca diante de referências a *arquitecturas* extraídas de contextos tão diversos como informática, medicina, ecologia, epistemologia, etc., a ponto de obscurecer o significado daquilo que os clássicos definiriam sem hesitação como a arte de construir. Mais do que designar uma construção, porém, o termo "arquitetura" passa a designar algo que tem a ver vagamente com a noção de rede, de sistema complexo de relações entre partes que não mais se identificam com a materialidade da edificação. A caracterização da arquitetura como *cosa mentale*, atribuída a Leonardo, ganha, com novos contornos, atualidade. Se esta polissemia evidencia, de um lado, o poder de sugestão da prática arquitetônica como metáfora de toda uma família de atividades onde a noção de construção de um objeto de pensamento se instala como traço fisionômico comum, ela também se insinua, rebatendo-se sobre a fonte, no próprio campo de saberes onde os praticantes da arquitetura até há pouco viam um domínio confortavelmente demarcado. Vindos de fora, estes novos olhares mostram, em seu distanciamento, como visões externas do que sejam "as arquiteturas" podem retroagir sobre a Arquitetura dos arquitetos, de modo a trazer consigo renovações e ampliações dos significados a ela tradicionalmente atribuídos.

Embora uma multiplicidade de perspectivas caracterize a dispersão polissêmica das arquiteturas em diversos campos de conhecimento, este artigo coloca em discussão a epistemologia do projeto como chave para a compreensão de modos de pensamento contemporâneos em confronto com o saber arquitetônico tradicional. Esta escolha é, em parte, circunstancial, ditada por itinerários de pesquisa já percorridos. Mas é também proposital, fundamentada em paralelismos entre discussões recentes no âmbito da filosofia da ciência, a

exemplo das recentes investigações conduzidas no Collège de France por Claudine Tiercelin (2014a, 2014b) e seu grupo de pesquisa (CHEVALIER; GAULTIER, 2016), e sistematizações propostas na primeira metade do século dezanove por Quatremère de Quincy⁽¹⁸²³⁾.

Retrospectivamente, este percurso remonta a Jean Ladrière (1970), cuja distinção entre *processos* e *arquiteturas* autoriza tais aproximações e constitui referência fundamental nesta discussão. Donald Schön (1987), por sua vez, na sua pesquisa realizada no MIT, lança a noção de uma *epistemologia da prática* que vê no aprendizado do projeto arquitetônico seu modelo mais acabado, estendendo-se a partir dele para a formação em outras práticas profissionais. A investigação de Jean-Blaise Grize (1990) sobre a lógica natural e os limites da lógica formal, assim como a de Gilles-Gaston Granger (1999) sobre o pensamento espacial (*la pensée de l'espace*), assomam, dentre um amplo conjunto de trabalhos, como contribuições cruciais para o entendimento do problema epistemológico que circunda o projeto. Abraham Moles (1995) auxilia na caracterização dos padrões de cientificidade da pesquisa sobre o projeto, em seu derradeiro escrito sobre *as ciências do impreciso*.

Contra este quadro constelam-se modos de pensar legados pela retórica dos primeiros arautos do movimento moderno, capaz de compensar os exageros da propaganda com o vigor poético de exaltadas realizações. Elas ainda nos acompanham, e devem ser por nós ciosamente guardadas, mas é inegável que, nesta segunda virada de século da arquitetura moderna, essas obras admiráveis não são mais nossas contemporâneas. Muitas permanecem fonte perene de inspiração, outras ainda constituem soluções exemplares que servem de guia para realizações, mas o ambiente que as gerou provoca estranhamento e incompreensão se trazido para o dia a dia de uma prática da arquitetura que não mais se identifica com os ideais de uma redentora "civilização maquinista". A tarefa de construir padrões de pensamento capazes de promover a assimilação da arquitetura moderna a novos entornos epistêmicos impõe-se, portanto, como tema de reflexão e investigação indissociável de uma prática profissional que não mais se reconhece no *zeitgeist* invocado pelos ideólogos de uma modernidade já superada.

TEORIAS DO PROJETO ENTRE METODOLOGIA E EPISTEMOLOGIA

Esgotado o período heroico do Movimento Moderno, quando a mão do arquiteto era guiada pela crença na sua capacidade intrínseca de traduzir o "espírito da época", mais do que por uma justificativa racional de seus propósitos, o vazio deixado pelo fim das ilusões milenaristas desencadeou a partir do segundo pós-guerra uma atribulada busca por novas certezas. Neste quadro, tão bem descrito por Colin Rowe, a falência das prescrições modernistas diante do "desastre contemporâneo" ao qual aludia, pessimista, Le Corbusier, fez ruir o sonho de se construir, sobre *tabula rasa*, uma nova cidade para um novo mundo (Cf. ROWE; KOETTER, 1978). A busca de novas fundamentações para a prática do arquiteto ganha impulso pela investigação metodológica que tem início em trabalhos pioneiros como os de Christopher Alexander (1964), Christopher Jones (1970) e Geoffrey Broadbent (1973), empenhados em obter uma formalização de procedimentos capazes de instrumentar normativamente a execução de um projeto. Antes disso, nos anos trinta, funcionalistas como

Hannes Meyer e Ludwig Hilberseimer já haviam apregoado a primazia dos procedimentos puramente técnicos sobre a expressão do *esprit nouveau*, mas reduziam suas pretensões a uma adesão igualmente irracional a processos de determinação da forma arquitetônica a partir de requerimentos externos que seriam manejados pelo arquiteto com absoluta neutralidade.

Embora os esforços metodológicos dos anos cinquenta e sessenta se afastem da cientificidade positivista implicada na ideologia funcionalista, concedendo ao arquiteto certa autonomia na qualificação estética da obra de arquitetura, com ela coincidem ao considerar a configuração do projeto a resultante de um caminho previamente traçado. O desejo de atribuir ao ato de projetar uma confortável previsibilidade alimentava o ideal de otimização de seus resultados. Nesta perspectiva, no desenrolar de um projeto sempre poderiam surgir alternativas, mas apenas uma responderia ao conjunto de parâmetros definidos de antemão como "necessários", na esperança de que esses parâmetros descreveriam integralmente as qualidades que deveriam ser atribuídas ao produto final de um processo que assume total protagonismo. Decorre daí a opinião, tantas vezes enunciada, de que o que interessa é o processo, não o produto.

Desde então, impulsionada pela introdução de ferramentas digitais, a pesquisa metodológica abriu amplo leque de abordagens, ocupando posições situadas entre os extremos da determinação e da indeterminação das configurações arquitetônicas. É indiscutível que a proposição de métodos judiciosos e eficazes de trabalho é muito útil para o aprimoramento do ofício, mas não podemos esquecer que a ênfase unilateral no *como fazer* desloca a questão primordial: *fazer o quê?* Nem pura forma, nem puro conteúdo, o projeto se sustenta na mútua relação entre os dois termos. Na busca deste incerto equilíbrio, instalam-se questões não contempladas por uma ênfase metodológica unilateral.

Prescrever o "como fazer", sem indagar o "que fazer", deixa em aberto uma questão crucial: a da validação dos métodos quando contrapostos a condições específicas de aplicação a diferentes contextos, tanto físicos como sistêmicos. Em outros termos, a proposição do método deve ser acompanhada da delimitação de seus critérios de aplicabilidade, a menos que se defenda, como no século dezoito, a instauração de um método universal. Na ausência deste, devemos admitir que as metodologias não são prescrições absolutas, mas possibilidades de ação. A proposição de um método se reveste, portanto, de um caráter epistêmico, explícito ou implícito, que remete a uma outra investigação, sobre como se organizam os saberes contra os quais se recortam as diferentes escolhas metodológicas.

Para que se julgue a admissibilidade e o alcance das metodologias é preciso, antes, apreender a epistemologia subjacente a seus procedimentos, interrogando as condições de existência das arquiteturas que a elas aderem. Quando Franco Purini, por exemplo, nos remete a uma arquitetura didática ("a arquitetura didática faz sua própria poética da descrição exata de seu construir-se"), ele produz um recorte que explicita essas condições, estabelecendo uma separação entre uma arquitetura que é didática e outra, que não é (PURINI, 1984, p. 182). A argumentação de Purini deixa claro que essas arquiteturas são pensadas de maneiras distintas, assim como, podemos inferir, também o são seus modos de produção. Desde o ponto de vista metodológico, elas também se situam em

diferentes campos de ação projetual. Seus horizontes cognitivos são diferentes, e eles interrogam diferentemente a realidade que os cerca e a própria natureza da obra de arquitetura que nela se insere. Parafrazeando Laugier¹, Le Corbusier já dizia que todo projeto bem-sucedido começa por uma pergunta bem colocada (*la question bien posée*) (LE CORBUSIER, 1943). Para bem colocar a questão, porém, é preciso situá-la no campo operativo do conhecimento arquitetônico, relacioná-la com saberes que emanam das práticas que caracterizam, em seu conjunto ou, em parte, os fazeres do ofício. É preciso "pensar arquitetonicamente".

EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA

O projeto arquitetônico é uma prática que reconhecidamente assume uma especificidade cognitiva, uma maneira de pensar que lhe é própria e se manifesta na configuração do espaço habitado, em sua organização e em seus usos materiais, figurativos e simbólicos. Para Donald Schön, o problema central da formação profissional em arquitetura é o aprendizado de uma "prática reflexiva" que leva o estudante a construir operativamente um saber que não se obtém pelo conhecimento prévio de um conjunto de enunciados teóricos, mas emana do próprio exercício das técnicas projetuais, onde se mesclam procedimentos inventivos e convencionais. Nesta perspectiva, a teoria não guia, mas segue a ação; Schön enuncia uma "epistemologia da prática" que atribui ao ato de projetar um contexto explicativo que o enriquece sem, contudo, determiná-lo (SCHÖN, 1987). Schön chega a esta formulação a partir do convívio com os ateliês de projeto do MIT, prolongado na investigação que realizou sobre os modos de educação profissional baseados na prática. Sem ser arquiteto, identificou no ensino de projeto o mais acabado exemplo de sua concepção epistemológica. Para Schön, a formação do arquiteto implica construir na prática um modo de pensar, isto é, um pensamento arquitetônico.

Uma versão exacerbada e provocadora desta assimilação da teoria à prática é defendida por John Hejduk: "quando um arquiteto está pensando, ele pensa arquitetura e seu trabalho é sempre arquitetura, seja qual for a forma que ele assuma". E acrescenta: "nenhuma área é mais arquitetônica do que qualquer outra"² Embora deliberadamente polêmica, esta asserção encontra repercussões no debate contemporâneo sobre a delimitação e extensibilidade do campo operativo da arquitetura, inaugurado por Le Corbusier nos esclarecimentos que abrem a publicação de *Le Modulor* (1950, p. 9), onde o autor explica que a palavra "Arquitetura" deve ser entendida como abrangendo "casas, palácios ou templos, barcos, automóveis, vagões, aviões"; "o equipamento doméstico ou industrial, ou das trocas"; "a arte tipográfica dos jornais, das revistas ou dos livros". Desta lista tão abrangente, que vai da casa ao livro³, infere-se que não é no objeto material que se encontra a especificidade da arquitetura, mas em algo

1 Laugier afirmava em seu *Essai sur l'architecture* (Paris: 1753) que "se a questão está bem colocada, a solução será indicada" [si la question est bien posée, la solution sera indiquée].

2 When an architect is thinking, he's thinking architecture and his work is always architecture, whatever form it appears in. John Hejduk, citado no press release da exposição *Other Soundings: Selected Works by John Hejduk, 1954-1997* (<http://www.cca.qc.ca/en/explore?event=2714>, acessado em 12/06/2016).

3 *My books, for instance, are architecture that you can build in your head.* (Ibidem).

comum à produção de tais objetos, ao modo de concebê-los. A arquitetura não mais se define empiricamente pela referência a um catálogo limitado de artefatos definidores do campo de atuação profissional do arquiteto. Qualquer busca na Internet mostra que o próprio vocábulo "arquitetura" aplica-se, hoje, a tantos contextos e usos diferentes que parece próximo o dia em que se cumprirá a profecia de Hans Hollein: "tudo é arquitetura" (HOLLEIN, 1969).

A expansão do catálogo, de modo a abranger um conjunto heterogêneo e indeterminado de objetos, sempre aberto a novas inclusões, caracteriza a crescente abstração do projeto moderno, ao qual passa a atribuir maior autonomia, independizando-o do momento de materialização da obra. No princípio do século vinte, Julien Guadet, catedrático de teoria da arquitetura da Ecole des Beaux-Arts, postulava que um projeto deveria propor a composição de algo pensado como construível sem, contudo, ter como finalidade ser efetivamente construído. Um atributo da composição arquitetônica deve ser a "construtibilidade", considerando que a partir do projeto a construção é possível, mas não é necessária. Para o arquiteto, a construção é "a realização de uma coisa que ele deve ter antes concebido" [*la réalisation d'une chose qui'il doit avoir d'abord conçue*] (Guadet, 1910, v. 1, p. 7).

A posição de Guadet não era original. Na última década do século dezoito, Boullée escrevia em seu *Essai sur l'art* 4 ser "um erro grosseiro" definir a arquitetura como a "arte de construir" vitruviana. Para ele, "Vitruvius toma o efeito pela causa":

Nossos primeiros pais somente construíram suas cabanas após ter concebido sua imagem. É esta produção do espírito, esta criação que constitui a arquitetura, a qual nós podemos, em consequência, definir como a arte de produzir e levar à perfeição qualquer edifício. Portanto, a arte de construir não é senão uma arte secundária, que nos parece conveniente denominar a parte científica da arquitetura. [Nos premiers pères n'ont bâti leurs cabanes qu'après en avoir conçu l'image. C'est cette production de l'esprit, c'est cette création qui constitue l'architecture, que nous pouvons, en conséquence, définir l'art de produire et de porter à la perfection tout édifice quelconque. L'art de bâtir n'est donc qu'un art secondaire, qu'il nous paraît convenable de nommer la partie scientifique de l'architecture.] (Boullée, 1968, p.49).

A generalização de Schön associa-se a estas manifestações, tão afastadas no tempo, ao constatar que a especificidade da arquitetura reside em uma certa maneira "arquitetônica" de pensar, de organizar a ação. Kant já havia utilizado esta metáfora na sua *Arquitetônica da Razão Pura*, definindo-a como "a arte de construir um sistema" (KANT, 2001, p. 669-681). Esta construção, contudo, é descrita como um sistema fechado, concebido autonomamente pelo puro exercício da razão, sem qualquer interferência externa. Tratando concretamente do fazer arquitetônico, porém, Schön nega esta posição idealista ao preconizar não o desprendimento deste pensamento em relação às práticas do ofício, mas seu enraizamento em um múltiplo e complexo contexto de concepção e

4 Conjunto de textos manuscritos concluído na última década do século dezoito e publicados apenas em 1968.

produção do espaço habitado. No domínio do fazer, não há teoria dissociada da prática. Esta abordagem epistemológica nega precedência a uma racionalidade técnica normativa, que queira se impor como prescrição de procedimentos e instrumentos capazes de dirigir a ação a partir de elementos e requerimentos fixos, integralmente determinados *a priori*.

Neste ponto, nos deparamos com a precursora sistematização teórica proposta no início do século dezenove por Quatremère de Quincy, Secretário Perpétuo da Academia de Belas-Artes francesa. No Preâmbulo a seu ensaio sobre a imitação nas belas-arts (*Essai sur la nature, le but et les moyens de l'imitation dans les beaux-arts*, publicado em 1823), problematiza o idealismo kantiano, considerando que ao pretender "reunir todas as noções em um princípio geral", Kant torna-se incompreensível para a maioria, a ponto de que mesmo os que creem alcançá-lo, nele discernem apenas uma espécie de "ponto de concentração onde o todo absorve as partes" (Ibidem, p. vj). Afastando-se da pura teoria, Quatremère centraliza na arquitetura a discussão sobre a relação entre teoria e prática artística, adiantando pontos de vista que anunciam uma linha de investigação que ocupará a filosofia da ciência ao longo do século vinte:

Eu penso que foram antes as belas obras de arte que deram nascimento às teorias, do que as teorias às belas obras. Mas há belas teorias que também são, no seu gênero, belas obras, e nas quais muitas pessoas encontram prazer. Assim, não devemos indagar para que serve uma poética mais do que indagamos para que serve um poema. [*Je pense que les beaux ouvrages des arts ont plutôt donné naissance aux théories, que les théories aux beaux ouvrages. Mais il y a de belles théories qui sont aussi en leur genre de beaux ouvrages, et auxquelles bien de personnes prennent plaisir. Ainsi on ne doit pas plus demander à quoi sert une poétique que demander à quoi sert un morceau de poésie.*] (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1823, p. xij).

A ideia de que é a obra que dá nascimento à teoria, e não o contrário, está presente na concepção da "epistemologia da prática" proposta por Schön. Nesta perspectiva, a prática reflexiva se manifesta em dois momentos complementares: o da reflexão-na-ação (*reflection-in-action*) e o da reflexão-sobre-a-ação (*reflection-on-action*). O primeiro momento constitui e interioriza na ação o saber-fazer, sem, porém, enunciá-lo; estes saberes são aceitos tacitamente como parte da *expertise* profissional. O segundo momento formaliza o conhecimento implícito na prática, organizando-o em técnicas e estratégias projetuais, repertórios de soluções exemplares, tipologias, sistematizações metodológicas, e assim por diante, conjunto heterogêneo de enunciados (verbais ou figurais), procedimentos e proposições a que convencionamos chamar de "teoria do projeto". Ambos os momentos implicam, no caso da arquitetura, "pensar arquitetonicamente". É neste mesmo sentido que Quatremère de Quincy inclui na ordem da produção artística tanto a poesia como a poética.

A prática reflexiva é meio de construção de conhecimento, primeiro no próprio contexto da experiência projetual, que dá lugar a um saber-fazer, e depois na explicitação e formalização desses saberes em teorias explicativas (SCHÖN, 1987). Podemos acrescentar ao modelo de Schön a observação de que a

teorização sobre a prática se reveste de um caráter metodológico histórico-crítico, no momento em que se volta para os resultados do trabalho realizado.

O reconhecimento da especificidade epistêmica do pensamento arquitetônico reforça a pertinência de se incorporar às teorias do projeto uma abordagem epistemológica. Foi talvez Colin Rowe o primeiro a incluir com sucesso em seus escritos, particularmente em *Collage City* (juntamente com Fred Koetter), uma discussão sobre os fundamentos epistemológicos da concepção arquitetônica, chamando a atenção para frequentes fraturas e descontinuidades entre o que os arquitetos fazem e o que dizem, em especial nas vanguardas arquitetônicas do século vinte, bem como em seus antecedentes a partir do Iluminismo (ROWE; KOETTER, 1978). Antes disso, a "arquiteturologia" de Philippe Boudon e seus seguidores tentou (e continua tentando) instituir uma ciência da concepção arquitetônica, engessada, porém, por um transcendentalismo que insiste em definir de maneira unitária a natureza do conhecimento circunscrito pela Arquitetura, tomada em sua totalidade (BOUDON, 1971). Contudo, uma epistemologia comprometida com os aspectos operativos do fazer arquitetônico, tomado em sua multiplicidade de manifestações, se volta para os aspectos construtivos dos saberes e das práticas. Neste caso, o que interessa indagar é, fundamentalmente, como o conhecimento passa de um patamar de menor organização para outro de maior organização, relacionando formas e conteúdos. A definição sintetiza o programa de investigação da epistemologia construtivista (ASCHER, 1983).

No caminho aberto por Colin Rowe, o campo disciplinar da arquitetura é visto não como ciência empírica ou lógico-matemática, mas como construção crítica cujo rigor repousa sobre uma lógica de significações atribuídas à realidade por ações humanas que, coordenadas entre si, a ordenam e transformam. Na teoria do projeto, este enfoque direciona a indagação epistemológica para metas mais operativas, afastando-a do círculo fechado de indagações ontológicas universais que querem definir "o que é a arquitetura" ou "quais são suas qualidades essenciais", e assim por diante. A construção disciplinar de uma epistemologia do projeto pode ser assumida como uma *reflection-on-action* que, se quisermos, assume os contornos de um metaprojeto de arquitetura, análogo à poética invocada por Quatremère. Na tradição clássica, uma poética tem a ver com os modos de fabricação (*poiesis*) do artefato, ou seja, da coisa feita com arte: poeta é quem fabrica o poema.

UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO

As considerações acima demarcam os contornos do campo discursivo no interior do qual o presente estudo busca situar uma epistemologia do projeto, entendida como parte de uma epistemologia da prática. É preciso levar em consideração que a epistemologia não constitui um corpo teórico coeso, unitário, unidirecional. Melhor seria falarmos, no plural, de epistemologias concorrentes, até mesmo opostas, implicando diferentes aproximações ao desenvolvimento cognitivo no interior de uma disciplina. Além disso, estas aproximações se dão em diversas escalas de abrangência, definidas por usos e significados ligados às ações que definem, no interior da disciplina, as práticas

produtivas. Assim, a epistemologia do projeto não se aplica à totalidade dos saberes abrangidos pelos quadros disciplinares da arquitetura, tomada na multiplicidade de suas manifestações; há saberes e práticas que não se incluem no domínio do projeto, embora participem amplamente das atividades profissionais do arquiteto. Há, inclusive, modos não projetuais de produção da arquitetura, embora permaneçam restritos a contextos de aplicação particulares. Contudo, desde a revolução paradigmática promovida por Alberti, afirma-se o protagonismo do projeto como técnica e meio de representação concreta da concepção arquitetônica, hoje hegemônico na prática e na formação profissional do arquiteto. Mesmo assim, no interior desta mesma formação não há concordância quanto à fundamentação que sustentaria um modelo explicativo de suas técnicas e métodos. Concepções empiristas, funcionalistas, formalistas, espontaneístas, etc., surgem como opções teóricas raramente explicitadas na reflexão sobre o projeto que tem lugar na pesquisa acadêmica.

A delimitação de um campo da investigação epistemológica não é neutra. Neste estudo, volta-se explicitamente para uma concepção interacionista, teórico-prática, do desenvolvimento cognitivo implicado na formação profissional situada no ateliê de projetos. Esta posição vê na ação projetual, em particular, a gênese de um saber prático que se reconstrói continuamente e, uma vez submetido a escrutínio crítico, pode ser enunciado em construções teóricas que generalizam aquilo que antes permanecia ligado à especificidade de um mesmo contexto de aplicação. Tais generalizações, contudo, não pretendem uma aplicabilidade universal: seu alcance encontra limites na permanência de significados locais que asseguram a possibilidade de reconhecimento e de sua transposição a outros contextos, com os quais mantêm alguma relação arquitetônica de correspondência. Estas correspondências, em seu conjunto, definem o que poderíamos chamar de "pré-configuração" da proposição arquitetônica que conduz a um novo projeto. Assim, desde um duplo ponto de vista, epistêmico e arquitetônico, poderíamos conceber uma matriz disciplinar contida entre dois polos: o do estudo abstrato de prefigurações espaciais, organizadas em tipos e repertórios, e o da produção de configurações projetuais que se concretizam em registros gráficos e construções materiais, constituindo referências adotadas quer como modelos, quer como paradigmas.

No primeiro caso, os *tipos* descrevem classes de edifícios com características comuns que podem ser transferidas a uma obra individual, enquanto os *repertórios* organizam tipologias em categorias que, embora distintas, apresentam afinidades que resultam de escolhas mais ou menos convencionais. No segundo caso, os *modelos* constituem referências *ad hoc*, aplicadas a situações específicas como escolhas circunscritas a uma prática individual, diferenciando-se assim dos *paradigmas*, entendidos como soluções arquitetônicas e urbanísticas tacitamente aceitas como exemplares pela maioria dos que compartilham uma mesma formação profissional, ainda que exercendo-a em diferentes contextos. Tais contextos, com inevitáveis superposições, podem ser didaticamente distribuídos em três domínios: dos objetos, dos saberes e das práticas.

No domínio dos objetos, a investigação epistemológica busca uma compreensão do conhecimento tácito que se concretiza na prática projetual. A dimensão

cognitiva do projeto se mostra na sua própria materialidade documental, aberta a releituras que alimentam o discurso crítico. Tais interpretações, uma vez enunciadas, podem propor tematizações generalizáveis a casos similares; formam-se então "catálogos" compartilháveis de soluções exemplares, cuja organização interna atende a critérios explicativos. Nesta passagem do particular ao geral situa-se a gênese da reflexão teórica sobre o projeto.

No domínio dos saberes, a racionalidade crítica articula-se com as "técnicas de invenção" (cf. PURINI, 1984) do objeto arquitetônico. Esta confluência, quando explicitada, assume decidido caráter didático, o que faz do ensino de projeto campo privilegiado para a construção de teorias explicativas aplicáveis aos processos projetuais de concepção e representação de proposições arquitetônicas. A epistemologia do projeto está na base, portanto, da própria indagação pedagógica: a educação do arquiteto para o projeto — no sentido genérico de *design* — coloca questões metodológicas que exigem, para sua elucidação, a adoção de hipóteses operativas sobre a natureza do desenvolvimento cognitivo implicado na prática projetual. Nessa perspectiva, adquire relevância epistemológica a noção de composição, tradicional na arquitetura e seu ensino. Na hipótese aqui adotada, o pensamento arquitetônico é compositivo, isto é, organiza-se espacialmente em configurações onde está presente a relação entre partes e totalidade. O conceito de composição transcende, assim, ao da produção de um artefato em particular, para formular-se como meta-composição, ou seja, como sistema dinâmico de composições entre composições, ou a partir de composições (superando os limites da composição elementar de Durand). O reconhecimento desse dinamismo já está contido na observação de Quatremère de Quincy (1823) de que não há, de fato, "composição", mas "decomposições e recomposições sucessivas".

No domínio das práticas, a epistemologia do projeto constitui caso particular da "epistemologia da prática" (SCHÖN, 1987). Enquanto coordenação de ações práticas, a atividade projetual se organiza em esquemas que, uma vez explicitados, podem ser aplicados a situações similares. A atribuição de significados aos esquemas de ação conduz à formação de sistemas de significações aplicáveis à concepção da obra de arquitetura. Essas sistematizações podem ser incluídas em estruturas de conjunto; em termos arquitetônicos, em tipologias. A investigação epistemológica procura enunciar, a partir da prática projetual, métodos e procedimentos de construção do espaço arquitetônico, unindo em uma mesma ordem o fazer e o saber. Uma epistemologia do projeto se situa na confluência desses âmbitos, buscando enunciar as condições de sua interdependência na atividade projetual. O projetar assume, assim, um sentido duplamente construtivo: do objeto, no polo técnico de sua realização, e do sujeito, no polo formativo.

CONCLUSÃO

A incerteza que se impõe ao ato de projetar, exigindo constante opção entre alternativas e tomadas de decisões onde intervêm, ao lado de uma racionalidade inventiva, o próprio acaso, é pensada e aceita como parte essencial do trabalho do arquiteto. Este ponto de vista incorpora-se à maneira

de tratar as questões pedagógicas: nem os alunos, nem os docentes, podem contar com ilusórias certezas às vezes alimentadas pela crença na previsibilidade do caminho a seguir. A prática do projeto, assim como o seu aprendizado, depende muito mais da sua definição epistemológica, ou seja, de como é entendida a organização progressiva dos saberes construídos na exercitação projetual, do que na adoção de procedimentos padronizados, apesar das constantes discussões metodológicas sobre o "processo de projeto". A pesquisa epistemológica se propõe a confrontar criticamente esse dilema, discutindo suas repercussões no âmbito da teorização sobre o projeto. Instaurar um ambiente de debate isento de contenciosidade se mostra, em um meio acadêmico cada vez mais competitivo, um anseio distante. Nas escolas de arquitetura, o ambiente cooperativo do *atelier* representa, contudo, uma oportunidade de superação de tais dificuldades.

A complexidade do ensino de projeto se evidencia no duplo significado assumido pela ação pedagógica: de um lado, tem sentido generalizador, voltando-se para a constituição de uma disciplina de trabalho e de um modo de pensar; de outro, persegue objetivos locais, construindo artefatos — projetos — que se inserem em um contexto produtivo particular. A constatação de que o projeto de arquitetura pode remeter a um contexto heterogêneo de procedimentos e teorias, nem sempre compatíveis entre si, implica reconhecer diferentes interpretações acerca do que seja ensinar a projetar. Uma confluência somente pode ser tentada se os olhares, mesmo vindo de lugares diferentes, forem dirigidos para um mesmo ponto de referência: a prática do projeto. Mesmo assim, há no fazer arquitetônico uma especificidade que não deixa de ser percebida por olhares externos. Basta nos darmos conta da atitude de Donald Schön, que toma o trabalho pedagógico no *atelier* de projetos como exemplo paradigmático de prática reflexiva, ou da proposição de Jean Ladrière, ao caracterizar dois modelos fundamentais de organização do conhecimento, opondo aos processos lineares uma outra coisa que, por analogia, ele vai chamar de arquiteturas.

Paradoxalmente, a reflexão epistemológica sobre o projeto permanece pouco explorada pelos próprios arquitetos, enquanto outros campos do saber reconhecem no fazer arquitetônico uma especificidade cognitiva, nela se apoiando para caracterizar, na teoria do conhecimento, domínios que podem descritos a partir da arquitetura. O arquiteto "pensa arquitetonicamente"; assim fazendo, assume uma atitude "arquitetônica" em relação ao mundo, reconfigurando-o para o uso humano, na escala humana. O projeto anuncia sempre o advento de algo novo, de um objeto que não existia e que, definindo uma nova possibilidade de existência, altera a realidade da qual se desprende, quer no plano cognitivo, quer no plano material.

Disciplina ainda em formação, a epistemologia do projeto se situa entre o *campo discursivo* em que se insere a teoria do projeto, e o *campo icônico* da produção arquitetônica, conectando teoria e prática — ligação necessária, cujo desdobramento epistemológico encontra resistências e opacidades no trânsito entre o abstrato e o concreto, entre o conceito e a figura.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Christopher. *Notes on the synthesis of form*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1964.
- ASCHER, Edgar. Histoire et psychogenèse. *Cahiers de la Fondation Archives Jean Piaget: Histoire des sciences et psychogenèse*. Genève, n. 4, p. 246-270, Avr. 1983.
- BOUDON, Philippe. *Sur l'espace architectural: Essai d'épistémologie de l'architecture*. Paris: Dunod, 1971.
- BOULLÉE, Etienne-Louis. *Essai sur l'art*. Paris: Hermann, 1968. 1ª edição crítica do original manuscrito, por J.-M. Pérouse de Montclos (ed.).
- BROADBENT, Geoffrey. *Design in architecture : architecture and the human sciences*. New York: John Wiley & Sons, 1973.
- CENTRE CANADIEN D'ARCHITECTURE. *Other soundings: selected works by John Hejduk, 1954-1997*. Exhibition. In: _____. Press release. Montréal: CCA, 1998. (<http://www.cca.qc.ca/en/explore?event=2714>, acessado em 12/06/2016).
- CHEVALIER, Jean-Marie; GAULTIER, Benoit. *La connaissance et ses raisons*. Paris: Collège de France, 2016. (Edição on line: <http://books.openedition.org/cdf/4212>).
- GRANGER, Gilles Gaston. *La pensée de l'espace*. Paris: Odile Jacob, 1999.
- GRIZE, Jean-Blaise. *Logique et langage*. Gap: Ophrys, 1990.
- GUADET, Julien. *Éléments et théorie de l'architecture*. Tome I. Paris: Librairie de la Construction Moderne, 1910.
- HOLLEIN, Hans. Everything is architecture. In: _____. *Hollein Catalogue*. Chicago: Richard Feigen Gallery, 1969.
- JONES, Christopher. *Design methods : seeds of human futures*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1970.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. II - Teoria Transcendental do Método: Capítulo III - Arquitetônica da Razão Pura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 669-681.
- LADRIÈRE, Jean. *A articulação do sentido*. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1977.
- LE CORBUSIER. *Entretien avec les étudiants des écoles d'architecture*. Paris: Denoël, 1943.
- LE CORBUSIER. *Le Modulor*. Paris: Editions de l'Architecture d'Aujourd'hui, 1950.
- MOLES, Abraham. *As ciências do impreciso*. Porto: Afrontamento, 1995.

- PURINI, Franco. *La arquitectura didáctica*. Valencia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, 1984.
- QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. *De l'imitation*. Bruxelles: Archives de l'Architecture Moderne, 1980. Edição fac-símile de *Essai sur la nature, le but et les moyens de l'imitation dans les beaux-arts*, Paris, 1823.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage city*. Cambridge, MA: MIT, 1978.
- SCHÖN, Donald. *Educating the reflective practitioner*. San Francisco: Jossey-Bass, 1987.
- TIERCELIN, Claudine (Ed.). *La reconstruction de la raison*. Paris: Collège de France, 2014a. (Edição on line: <http://books.openedition.org/cdf/3435>).
- TIERCELIN, Claudine. *The Pragmatists and the Human Logic of Truth*. Paris: Collège de France, 2014b. Collection numérique «La Philosophie de la connaissance du Collège de France». (Edição on line: <http://books.openedition.org/cdf/3652>).